

# O Homem, a alma e o casamento.

---

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

*O homem tem que assumir o seu sexo, isto é muito importante. O homem tem que fazer os seus esforços próprios (e aqui nenhuma hetera pode ajudar, até pode prejudicar) para perceber que além de sua casa tem outras casas, além de seus pais tem outros pais, além de seu círculo social existem outros círculos sociais. Então, sabendo isto, tem que se abrir pessoalmente, não através de mãe e pai, ou tio, ou qualquer coisa, para a sociedade. E aqui nesse ponto, hoje em dia, sabemos que ocorrem diversos tipos de emaranhamentos energéticos, com aquele resultado de AIDS, etc. Tem que estudar para ter uma atividade com que saberá sustentar-se e não permanecer até o fim da vida filho do papai. Então tem que se formar. Em relação com isso, sentirá necessidade de sair da casa paterna e ter seu próprio eixo, seu próprio prumo. E, quando tem isto, sentirá necessidade de ter uma companheira e, com essa companheira ter uma família. Tudo isso é um processo natural. E contatar a sociedade através de ligações as mais diversas. E deixar que a sociedade também o contate com as ligações mais diversas. E, quando tudo isso ocorreu e seu destino pessoal estava adequadamente estruturado, aí que pode vir a hetera, ou até um pouco antes, para que, quando vier a segunda metade da vida ele possa dedicar-se com consciência, com responsabilidade, aos problemas coletivos. Não de ser vereador, ou deputado, ou qualquer coisa desse tipo, mas percebendo que certa cota do destino coletivo vive também dentro de nós, e que essa cota de destino coletivo tem que ser ingerido, digerido e aproveitado pessoalmente, e através desse exemplo pessoal, que não precisará ser um exemplo ostentativo, induzirá, catalisará os outros para também ingerir e digerir as suas fatias dos problemas coletivos. Essa é a tarefa da segunda metade da vida, e aqui a hetera pode ajudar intensamente, quando identifica-se com toda essa busca, com toda essa abertura em todas essas linhas trabalhadas, porque trata-se disto.*

*Jung várias vezes aponta que a mulher com que convivemos não deve ser a nossa Anima. No início podemos ter as mais diversas projeções,*

*interesses, paixões, mas a mulher que deve ser a nossa companheira não deve ser Anima, porque Anima é nossa (dinamismo interno). Eu não posso casar-me, ou conviver com minha própria projeção, com alguém que está sendo carregado com as minhas projeções, porque a convivência faz retirar as projeções. Depois posso encarar essa pessoa com grande questionamento: que tenho com ela? Não tenho nada mais. Isto a juventude, 15 anos atrás, explicava dizendo: “Não temos mais diálogo.” Não foi isto? Não se tratava apenas de diálogo, mas, devido à projeção da própria Anima não podemos entrar, permanentemente, num relacionamento multidimensional. Podemos receber incentivos daquela mulher que carrega com facilidade, ou com efetividade, uns dos aspectos da nossa Anima. Mas aí que vem aquela eterna, não é rixa, mas desentendimento, porque uma mulher, afinal de contas, é uma mulher, e também tem o seu prumo, e depois percebe que esse prumo é elástico, esse prumo pode subir imensamente, se tem um eixo firme em redor do qual está subindo (essa dinâmica é do Animus interno).*

*Então, é muito natural que tal relacionamento com a Anima possa terminar com o casamento. Infelizmente esses divórcios, separações, desquites, e tudo aquilo que podemos observar, indica que esse casamento, o juntar dos trapos, ou qualquer nome que a gente dê, hoje em dia tem muitas facilidades e expressões a respeito, foi precipitado porque talvez ambos tiveram ideias e ideais, ou fantasias em relação com o próprio Animus e a própria Anima. Só que, dentro de uma convivência, essas projeções retiram-se e, às vezes, não sobra nada. Agora, ambos podem entrar num acordo entre si, dizendo: mas nós temos uma casa, temos filhos, eu cuido de suas meias, engomo suas camisas, etc., cuido dos filhos, faço lição com eles, você ganha o dinheiro, então por que separar? Aí depois vem a ideia de novo: mas toda a casa está organizada, os filhos vão à escola, a empregada vem com certa regularidade, a gente janta na casa da sogra cada segundo sábado, os outros sábados na casa da outra sogra, não é? Então pode perturbar essa maravilhosa organização. Naturalmente eles não falam dessa maneira tão clara. Embora hoje em dia ainda isto possa ocorrer e ocorre. Mas tal relacionamento, pseudo-relacionamento, relacionamento espúrio, não apenas do ponto de vista superior não tem legitimidade Superior, pois atrapalha o desenvolvimento de ambos, a maturação de ambos.*